

Ética do trabalho, mobilidade social e culturas de classe em uma trajetória de vida

Resenha da obra:

PORTO, Lucas. **Na vida, a trabalho**: mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA — 1930-2009). Salvador: EDUFBA, 2025.

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento



Geovanni Rocha Junior

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Florianópolis, SC – BRASIL

lattes.cnpq.br/8656704121540009

geovanni.rj@udesc.br



orcid.org/0000-0001-9838-2251



<http://dx.doi.org/10.5965/2175180318472026e0402>

Recebido: 02/07/2026

Aprovado: 04/09/2026



Ética do trabalho, mobilidade social e culturas de classe em uma trajetória de vida

Resenha da obra:

PORTO, Lucas. **Na vida, a trabalho:** mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA — 1930-2009). Salvador: EDUFBA, 2025.

O livro *Na vida, a trabalho* mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na

trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA -1930-2009), resultado das investigações desenvolvidas pelo historiador Lucas Porto em sua tese de doutorado, apresenta-se ao público leitor como uma contribuição de grande relevância para a história social do trabalho. A narrativa da obra está articulada em torno de Antônio Honorato de Arantes Filho, um trabalhador que iniciou sua vida profissional em uma fábrica têxtil, mas que, ao longo do tempo, passou a desempenhar funções de escritório, alcançando a classe média do ponto de vista material. Sua experiência permite delinear, simultaneamente, a expressão de culturas de classe oriundas da organização dos mundos do trabalho no Brasil da segunda metade do século XX e o retrato singular de um itinerário pessoal, atravessado por rígidas hierarquias raciais e sociais vigentes na cidade de Salvador.

Ao contrário de muitos sujeitos contemplados em pesquisas consolidadas sobre as classes trabalhadoras brasileiras, Arantes não se engajou em formas coletivas de luta por meio de sindicatos ou partidos políticos, o que poderia limitar a disponibilidade de vestígios para a análise historiográfica. Ainda assim, ao

contrapor-se à condição de anonimato comum a muitos assalariados e ao dedicar-se a registrar as próprias experiências, Arantes tornou possível o acesso a sua vivência e, mais do que isso, à compreensão de marcadores sociais de diferenças que, tratados em contexto, ajudam a explicar as circunstâncias que condicionaram sua mobilidade social.

Paradoxalmente, o leitor poderá constatar que Arantes não representa uma exceção, tampouco a regra entre aqueles que dependem de sua atividade profissional para almejar um futuro melhor. A idiossincrasia de sua jornada reside, sobretudo, no fato de ter escrito a própria biografia nos anos derradeiros de sua vida, intitulada *Memórias de um idoso no século XXI*. Lucas Porto teve acesso a essa obra graças a uma publicação da filha mais velha nas redes sociais. O historiador examinou o material com rigor metodológico, destacando as ênfases do protagonista da biografia e, principalmente, suas omissões. Além de um testemunho que “descreve muito mais seus orgulhos e suas conquistas” do que suas angústias, Arantes reuniu um acervo documental composto por carteiras de trabalho, cartas de promoção e fotografias (Porto, 2025, p. 25). Esse conjunto documental “contém numerosas amostras do mundo em que ele se inseriu, das relações sociais e familiares que estabeleceu, da forma como se enxergava e de como queria ser visto”, afirma o autor do livro (Porto, 2025, p. 24).

Com o relato autobiográfico de Arantes como fio condutor de sua investigação, Lucas Porto recorre a ferramentas metodológicas utilizadas pela micro-história italiana e, à maneira de Carlo Ginzburg, dedica-se a seguir os rastros dispersos em outras fontes para desvendar relações de trabalho densas e complexas, constituídas por ações individuais, tensões, estratégias, negociações e pela formação de laços de solidariedade (Ginzburg, 2007). Nessa linha, são particularmente relevantes as entrevistas realizadas com pessoas que trabalharam com Arantes, assim como os acervos empresariais, os jornais da cidade e as correspondências privadas. A obra vem suprir o que o autor identifica como uma lacuna na historiografia do trabalho, expressa na escassa atenção dispensada às dinâmicas sociais de setores da classe média, em contraste com a ênfase conferida aos trabalhadores organizados em sindicatos, aos militantes partidários, às greves e a outros repertórios de ação coletiva.

Sem incorrer no equívoco de antecipar ao leitor todo o quadro interpretativo esboçado pelo autor, convém indicar brevemente o argumento central da obra. Segundo Lucas Porto, a mobilidade social experimentada por Arantes não o desvinculou das culturas de classe que o projetaram, fundadas na valorização da ética do trabalho. Trata-se de um universo social multifacetado, permeado por diferentes recortes e fronteiras nem sempre nítidas, entre os quais assumem relevância os aspectos étnico-raciais, de gênero, regionais e religiosos. Nessa perspectiva, a trajetória de Arantes foi moldada pela interação de diversos marcadores sociais de diferenças, como a masculinidade, a origem social, o grau de escolarização e a cor da pele. A tese desdobra-se ao longo de quatro partes, precedidas por uma introdução e concluídas por um epílogo. Soma-se a isso a escrita fluida e instigante do autor, cuja habilidade narrativa conduz o leitor pelas sinuosas experiências de Arantes e, por conseguinte, o apresenta a um mundo do trabalho que movia a cidade de Salvador de meados do século XX.

A primeira parte do livro, *Pra não se meter em bolo um aprendizado*, traça um panorama do ambiente de trabalho na Companhia Empório Industrial do Norte, especialmente no escritório da Boa Viagem. O desaparecimento de uma quantia em dinheiro, em setembro de 1957, ajuda a desvendar a clivagem social entre operários e funcionários administrativos. No chão da fábrica, recorria-se à expressão “ratos de gravata” para assinalar a distinção entre os “de baixo” e os empregados de colarinho branco. Na ocasião do furto, em meio aos boatos, que constituíam um elemento da agência operária na denúncia da ordem hierárquica vigente na empresa, a falta de interesse da direção em apurar o episódio e os rumos da investigação policial trazem à tona as estratificações que regiam o cotidiano laboral. Às assimetrias entre “peões” e funcionários do escritório associavam-se as desigualdades de gênero, uma vez que as mulheres recebiam salários menores e eram majoritariamente alocadas em funções de secretariado, enquanto os homens ocupavam cargos de chefia e eram melhor remunerados.

No entanto, a companhia representava apenas uma das faces das relações de trabalho em Salvador no final da década de 1950, os quais, segundo o autor, “formavam um complexo ‘bolo’ com ingredientes nem sempre harmônicos”. Desse modo, os assalariados “se encontravam ao mesmo tempo aproximados

por experiências em comum – o emprego fabril, a moradia na vila operária, a pobreza etc. – e fragmentados por muitas diferenças decorrentes delas”, como “a necessidade de sobrevivência, a racialização, a proteção seletiva dos patrões e a competição por cargos, distinções entre homens e mulheres etc.” (Porto, 2025, p. 73). Esse cenário praticamente delimita o espaço de experiência no qual se desenrola a trajetória de Arantes (Koselleck, 2006). Foi entre a Boa Viagem e sua vila operária, cercado por estímulos à ascensão social e por desigualdades latentes, que ele se deparou com valores, práticas e comportamentos que carregaria ao longo de toda a vida.

O episódio do furto assinala o início da progressão profissional de Arantes na empresa, momento que abre a segunda parte do livro, intitulada *Um perfil em construção dos rolos da fiação ao colarinho-branco (1946-1969)*. Filho caçula de Laura Teixeira de Arantes, viúva e operária da mesma companhia, onde atuou como tecelã, Arantes ingressou na firma em 1946, aos 16 anos, na função de servente de fiação. Sua promoção ao cargo de contínuo do escritório se deu por meio do estabelecimento de “sólidas relações interpessoais nos âmbitos particular e profissional” (Porto, 2025, p. 80). Em seu manuscrito, Arantes olhava para trás e demonstrava ter orgulho da própria carreira, que classificava como brilhante. Nas singelas linhas que redigiu, empenhou-se em construir uma narrativa de respeito e reconhecimento, compondo um enredo que realçava todo “esforço para se vincular a uma identidade de trabalhador e a um certo padrão social que ele entendia como respeitável”, no qual a “superação da pobreza que o acompanhava desde o berço” correspondia a uma “conquista exigente e contínua” (Porto, 2025, p. 91). No decorrer desse percurso, atributos materiais e simbólicos, como “letramento, terno, sapatos e sua pele morena, gabaritavam-no positivamente, respondendo ao racismo segregado que atingia pessoas de pele não branca” (Porto, 2025, p. 163), conferindo-lhe distinção social e reforçando a imagem que buscava projetar de si mesmo.

Ao contrário do que suas palavras sugerem, a mobilidade lograda no trabalho esteve longe de ser linear. É nesse ponto que se revela a perspicaz investigação do historiador sobre os silêncios do personagem. Entre 1960 e 1964, Arantes alcançou um lugar de prestígio em Boa Viagem, passando a atuar no setor

comercial como chefe de compras e auferindo rendimentos expressivos em meio à instabilidade política do país. Todavia, por trás dessa mobilidade, residiam obstáculos e omissões cuidadosamente preservados. Segundo Lucas Porto (2025, p. 95), Arantes “encarnou as contradições e enfrentou os limites do mito da democracia racial, ou seja, ter acreditado na ideia de que pelo trabalho venceria estigmas e preconceitos, conquistando o respeito que almejava”. Não obstante, é interessante notar que sua integração ao mercado de trabalho ocorreu em um contexto de grande efervescência das lutas da classe trabalhadora. Seus passos não se deram à revelia das disputas laborais na fábrica em que atuava. Embora de maneira rarefeita, é possível identificar nas fontes do Acervo Público do Estado da Bahia registros de conflitos trabalhistas. Neles, os trabalhadores da Boa Viagem recorriam, individualmente ou com respaldo do sindicato, aos mecanismos legais de defesa de seus direitos. Por seu turno, Arantes procurou manter distância dessas tensões e apostou na “reprodução de valores conservadores e patronais” como “uma estratégia de garantia da dignidade que buscava” (Porto, 2025, p. 222). A relação com sua família ajuda a dimensionar suas escolhas. A figura materna constituía sua principal referência, capaz de transmitir valores que ele tratou de preservar ao longo da vida. Seu falecimento, em 1945, configurou um duro golpe. O casamento com sua companheira, conhecida como Morena, assim como sua primeira experiência trabalho, foram outros pilares que balizaram sua noção de dignidade.

Em 1969, pressentindo que seu ciclo na Boa Viagem se aproximava do fim, Arantes passou a cogitar ingressar em outra empresa, visando garantir à sua família segurança e estabilidade. Foi na década de 1970, portanto, que deu o grande salto em sua carreira. A terceira parte do livro, *Um trabalhador em ascensão das redes tecidas na Boa Viagem aos alicerces da construção civil (1969-1986)*, expõe uma demissão negociada, que confirma as boas relações cultivadas por Arantes com os chefes e diretores da Boa Viagem. Além disso, descreve seu ingresso na Otto Schaeppi, empresa da construção civil, como chefe de escritório de obras. Em julho de 1972, assumiu a gerência da filial de Brasília e se estabeleceu na capital federal. Em tempos de ditadura militar, Arantes afastou-se das questões políticas e acumulou os recursos necessários para dar entrada

em seu segundo apartamento. Em 1973, com o declínio da Otto Schaeppi, realizou mais uma mudança profissional, desta vez para a Concic Engenharia, uma empresa também em ascensão, na qual chegou a assumir a chefia do setor de pessoal. Continuou a trabalhar mesmo após a aposentadoria. Em seu processo de mobilidade social, Arantes contou com uma rede de contatos pessoais e profissionais, o que reforçava suas disposições individuais ligadas ao esforço e à dedicação. De acordo com a interpretação do historiador Lucas Porto, sua posição de classe média nunca foi definitiva, mas sempre negociada. É provável que, em função dos vínculos costurados na Boa Viagem, ele tenha se percebido, em diferentes etapas da vida, como um trabalhador e não como um funcionário de classe média reduzido às rotinas de escritório.

Como os rendimentos da aposentadoria não foram suficientes para manter o padrão de vida, em sua última parte, *Trabalhar ainda era preciso* (1986-1995), o livro acompanha Arantes em um novo ramo de atuação: a administração de fazendas em duas cidades do interior da Bahia. Sua “transferência para o interior está conectada às mudanças nos mundos do trabalho da capital, onde Arantes enfrentava a concorrência de colegas jovens e mais escolarizados” (Porto, 2025, p. 365). Nesse momento, a história oral assume papel central na pesquisa, levando o autor a efetuar entrevistas com pessoas que acompanharam de perto as últimas jornadas de Arantes. Foi em Ituberá e, posteriormente, em Nova Soure que ele desenvolveu suas derradeiras experiências profissionais, à frente da Fazenda Cajuba, voltada à produção de sucos e polpas de frutas.

Por fim, o epílogo se debruça sobre a aposentadoria definitiva de Arantes, o falecimento de sua esposa, em 1999, e seus últimos anos de vida no abrigo, espaço que também abriu caminho para novos relacionamentos afetivos e para o exercício da escrita de si. Arantes foi a expressão de uma fração da classe trabalhadora que, ao mesmo tempo em que se dedicava à preservação de uma condição material de classe média, nutria o receio da proletarização absoluta. Merece destaque o diálogo do autor com Barbara Weinstein acerca da agência das trabalhadoras e trabalhadores. Para esses sujeitos, “o trabalho não é uma desonra, mas uma ferramenta de luta e afirmação, sobretudo quando oferece recompensas materiais ou abstratas que contribuem para a superação da

subalternidade, que é medida por critérios factíveis e subjetivos” (Porto, 2025, p. 470). Assim, Arantes fornece indícios preciosos para a reflexão sobre esses componentes.

É importante observar que muitos dos personagens à primeira vista secundários na narrativa revelam-se cruciais para a interpretação das frações de classe que o autor remonta a partir da trajetória de Arantes. Seria impossível, em tão poucas linhas, situar todos os debates mobilizados ao longo da obra. Limito-me a afirmar que o autor, sem abdicar de praticar uma história teoricamente orientada, evita excessos conceituais e elaborações teóricas abstratas que poderiam restringir o alcance da obra a um público mais amplo. Do ponto de vista historiográfico, trata-se de uma contribuição de grande relevância, que faz jus à vasta produção da história social do trabalho, mas também se propõe a incorporar debates fundamentais que enfatizam a intersecção entre classe, raça e gênero. Já do ponto de vista do leitor, vale a pena mergulhar na vida de Arantes, que oferece uma instigante oportunidade de reflexão sobre uma parcela expressiva da classe trabalhadora brasileira.

Referências

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

PORTO, Lucas. **Na vida, a trabalho**: mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA – 1930-2009). Salvador: EDUFBA, 2025.